

**Em busca do ser poético:
uma experiência de Oficina de Poesia na escola**

Rafael Batista de Sousa*

61

Resumo: A proposta deste trabalho é fazer um relato da experiência da Oficina de Poesia realizada no *I Comunidade na Escola*, evento promovido pelo Instituto Federal de São Sebastião – IFB/CSSB. Visando explorar o vínculo entre as experiências dos sujeitos e a escrita criativa, a oficina de produção poética possibilitou-nos refletir acerca da relação entre sujeito e poesia, além de discutir a escolarização da escrita poética e o seu potencial de humanização.

Palavras-chave: Poesia; Literatura; Escrita criativa; Humanização.

Provocações

“Por que motivo as crianças, de um modo geral, são poetas e, com o tempo deixam de sê-lo?”. Assim inicia Drummond uma valiosa crônica, cujo título se faz presente neste relato. Em “*A educação do ser poético*”, o poeta mineiro conjectura que talvez seja a escola uma das grandes responsáveis por apartar os sujeitos da experiência viva da poesia. A perda dessa comunhão, diz Drummond, parece se dar à medida em que a sistematização dos saberes, papel central que instituição escolar tem tido há longas décadas, toma o lugar da vivência poética do conhecimento e do mundo.

Se, por um lado, é por meio da escola que muitos têm acesso à literatura, considerando um país marcado historicamente pelo analfabetismo e pela escassez de oportunidades igualitárias como o nosso; por outro, a orientação pragmática e utilitarista que subjaz muito das práticas pedagógicas, concorre para a dissecação e instrumentalização da palavra literária, muitas vezes reduzida a veículo para alcançar outro tipo de conhecimento.

* Doutorando em Literatura Brasileira, pela Universidade de Brasília-UnB. rafaelbsousa@gmail.com

O fato é que há um abismo que separa o ensino da literatura e a experiência efetiva e humanizadora que esta proporciona. E qual o papel da escola neste contexto? Cabe a ela formar conhecedores de obras e autores ou formar poetas nos bancos escolares? Nem tanto ao céu nem tanto ao mar. À escola, instituição que a um só tempo reproduz os aparelhos ideológicos do Estado, mas que traz em seu bojo a missão primordial que questioná-lo, cabe buscar, dentro de suas limitações, promover uma formação integral e integradora. Para tanto, a educação do ser poético, como chamou Drummond, deve ser uma preocupação inerente a todo processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, o que se observa é que na escola a sensibilidade poética, observada na infância, pode expandir-se tempo a fora e fazer parte do cotidiano rumo a essa formação humanizadora, porque humanizadora é a própria vocação da literatura, como assinala Antonio Candido:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque, pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (Candido, 1995, p. 256)

Por humanização compreenda-se a capacidade de reconhecer-se e reconhecer o outro no processo de constituição da própria vida. Por meio dela, a experiência vital pode ser sublinhada e traduzida ganhando uma inteligibilidade inegavelmente transformadora. Deste modo, o lugar da literatura deve sempre assegurado na trajetória formativa da escola e, mais que isso, a possibilidade de conhecê-la também pelo fazer literário.

Magda Soares (2001) afirma que é impossível negar a escolarização da literatura. Tal procedimento seria negar a própria escola. No entanto, o que se deve observar criticamente é todo processo de “didatização” deformadora que se sobrepõe à experiência da literatura. Noutras palavras, é preciso observar como a literatura é tratada historicamente nos bancos escolares e quais as possibilidades que ora se apresentam. Neste momento, basta recorrermos à memória para que nos venha, dentre as poucas vivências exitosas e prazerosas – que por seu caráter

de exceção apenas confirmam a regra –, as muitas experiências que depõem contra o tratamento escolarizado da literatura.

Na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental ainda é perceptível um contato maior e mais lúdico com a palavra. A literatura infantil tem lugar privilegiado e conta com as crianças como aliadas, ainda em estado de maior proximidade com a sensibilidade poética. A imaginação fecunda, o jogo instaurado pelas histórias são ingredientes fundamentais no processo de construção do conhecimento – de si e do mundo ao redor.

Nos anos finais do Ensino Fundamental a literatura inicia sua *via crucis* rumo a um calvário que se encontra no Ensino Médio. O que vemos nesta etapa do ensino fundamental é um processo em que ela se torna veículo de acesso a conhecimentos secundários.

Inegável é que a literatura, ao mobilizar todos os recursos inerentes à sua própria formulação, faz ver de forma privilegiada a história de evolução da própria língua, a apropriação da linguagem; além de representar uma forma de registro das experiências de todos os homens em meio ao seu contexto político, histórico, social, geográfico etc. No entanto, em se tratando de literatura, tanto ou mais do que “o quê” ela diz, interessa saber “como” ela articula tais dimensões da vida humana. É exatamente esse “como” que a diferencia da História, da Geografia, da Economia, da Gramática etc. Na Literatura tais elementos, antes externos, se tornam intrínsecos a ela e incorporam-se formando camadas que dão forma à totalidade e, assim, garantem sua eficácia estética (cf. Candido, 2008).

Quando, na escola, o poema se torna meio para entrever puramente as inversões sintáticas, por exemplo, o que se deixa costumeiramente de fora é o porquê de tal inversão ser promovida, qual a relevância que tem esse deslocamento no cômputo geral da enunciação, que sentidos são dispostos na topicalização deste ou daquele termo da oração. Reflexão que é negada em nome de uma tarefa gramatical, igualmente esvaziada e apartada da realidade.

No Ensino Médio, a literatura só aparentemente ganha mais espaço. Considerando o contexto da educação pública, poucas são as escolas em que ela dispõe de um componente próprio. Em geral, é integrada às aulas de Língua Portuguesa e Redação, o que abre todos os precedentes para que ela seja bem

trabalhada, trabalhada de forma mediana, relegada ao fim do ano letivo, quando toda a gramática foi vencida, ou sequer se faça presente.

Ademais, nesta etapa, a Literatura precisa travar outro combate. Trata-se dos vestibulares e exames de seleção. Seja por meio das listas de livros, sublinhe-se, obrigatórios ou pelo treino de questões estruturadas em torno de fragmentos de textos, o que pouco se registra novamente é o espaço da fruição e do prazer do texto literário. Nesse sentido, para os educandos de maneira geral, registrar que este ou aquele poeta faz parte de tal ou qual escola literária tem o mesmo peso de decorar os elementos da tabela periódica.

Os motivos para que esta problemática seja tão lamentavelmente delineada são os mais diversos. São produto de certa negligência das Licenciaturas e dos programas de Pós-Graduação no tocante ao ensino da literatura, resultando em uma formação docente alijada da prática pedagógica; são herança de uma escola obsoleta que não lê os sinais dos tempos e permanece apartada dos interesses dos educandos; são fruto da história de um país periférico onde as belas letras eram cultivadas nos jardins de uma pequena elite ociosa e parasitária.

Assim, se a presença da literatura é bastante preocupante, o exercício da escrita da literatura torna-se um desafio ainda maior. É preciso ressaltar que não se trata de tornar as aulas de Literatura um laboratório donde sairão poetas de diploma, mas de fornecer aos estudantes mecanismos e recursos que possam fazer com a experiência da leitura seja ainda mais enriquecida pela escrita de poemas, de crônicas, de contos, e, por que não, de romances.

Sem dúvida, a escrita da literatura na sala de aula pode contribuir para uma série de objetivos, tais como: possibilitar aos estudantes uma maior aproximação com os diferentes gêneros literários; desmistificar a ideia da literatura como algo difícil e distante da realidade; proporcionar um processo de autoconhecimento e de interpretação mais crítica do mundo. De acordo com Perissé, é preciso “ler/interpretar as obras de arte para ver melhor em que consiste a condição humana, com toda a sua ambiguidade, com toda a sua desconcertante realidade.” (2009, p. 36). Ao lado de ler e interpretar, acrescentamos também o criar, como outra dimensão desse gesto revelador da essência humana.

Este relato, portanto, nasce do desejo de dar ao exercício da escrita literária um lugar diferenciado, sobretudo considerando os ganhos advindos desse gesto criativo como meio para a busca da experiência humanizadora que a arte possui. Trata-se das reflexões motivadas pela realização da *Oficina de Poesia*, atividade realizada no mês de agosto de 2017, no Instituto Federal de Brasília, campus São Sebastião (IFB/CSSB), em virtude da primeira edição do evento *Comunidade na Escola*.

A oficina

O evento *Comunidade na escola* ocorreu durante um sábado inteiro de agosto e trazia como objetivo central reunir no mesmo espaço os estudantes dos diferentes segmentos que a instituição agrega e a comunidade, dando a ver o eixo ensino e extensão, com atividades que pudessem ser vivenciadas por diferentes públicos. Os participantes podiam optar por oficina de dança, de penteados afro, de turbantes, cine debates, roda de conversa, mesa redonda etc., todas atividades abertas à comunidade e promovidas por professores da instituição, além de convidados externos ao campus.

A nossa proposta foi, portanto, a Oficina de Poesia. Seu objetivo principal era promover um momento de produção de escrita criativa, em especial de poemas, e, assim, suscitar possíveis reflexões sobre o lugar da arte e da poesia na ressignificação das experiências cotidianas. A escolha do poema se dá justamente porque, em se tratando de produção no âmbito escolar, este gênero ocupa lugar muito secundário.

A oficina nasce, no entanto, um pouco antes, fruto das reflexões sobre o trabalho com a literatura em sala de aula. Diante de tantos condicionantes, já citados, as nossas discussões sempre resvalavam para a consciência de que é preciso possibilitar ao máximo todas as experiências ao estudante. Se o não leitor se torna leitor, os ganhos já são incalculáveis; se daí ele vem a se enxergar como capaz de produzir seus próprios textos literários, cumpre-se o papel de uma formação autônoma e emancipadora.

Das inquietações nascidas dos embates com a literatura em sala de aula, surgiu a Oficina. Como metodologia, dividimos o encontro, com duração de 2

(duas) horas, em 3 etapas, a saber: 1ª) Breve apresentação da Oficina e reflexão sobre os conceitos de poesia a partir da leitura de um poema; 2ª) Apresentação dos participantes por meio de uma produção poética; 3ª) Exercício de produção de poema com base em imagens.

A oficina contou com 10 (dez) participantes, inscritos previamente conforme sua preferência, além do mediador, sendo 5 estudantes da instituição e 5 membros da comunidade, com idade variando entre 16 e 50 anos, divididos entre 6 mulheres e 4 homens. As etapas serão descritas passo-a-passo de forma a explicitar os procedimentos que compõem o processo.

1ª Etapa:

A ideia da Oficina foi explicitada aos participantes, que se apresentavam rapidamente apenas com o nome, posto que uma apresentação mais detalhada seria possibilitada pela etapa seguinte, ao que se segue um momento de reflexão acerca dos conceitos de poesia, protagonista desta oficina. Como texto motivador da discussão, escolhemos um poema de Paulo Leminski, intitulada “Limites ao léu”. Ei-lo:

Limites ao léu

Poesia:

“words set to music”(Dante via Pound)

“uma viagem ao desconhecido” (Maiakóvski)

“cernes e medulas” (Ezra Pound)

“a fala do infalável”(Goethe)

“linguagem voltada para a sua própria materialidade”
(Jákobson)

“permanente hesitação entre som e sentido” (Paul Valéry)

“fundação do ser mediante a palavra” (Heidegger)

“as melhores palavras na melhor ordem”(Coleridge)

“emoção lembrada na tranquilidade” (Wordsworth)

“ciência e paixão”(Alfred de Vigny)

“se faz com palavras, não com ideias” (Mallarmé)

“música que se faz com ideias”

(Ricardo Reis/Fernando Pessoa)

“um fingimento deveras”(Fernando Pessoa)

“criticism of life”(Mathew Arnold)

“palavra-coisa” (Sartre)

“linguagem em estado de pureza selvagem” (Octavio Paz)

“poetry is to inspire” (Bob Dylan)

“lo imposible hecho posible”(García Lorca)

“design de linguagem”(Décio Pignatari)
“aquilo que se perde na tradução”(Robert Frost)
“a liberdade da minha linguagem” (Paulo Leminski)...
(Leminski, 2013, p. 246)

O poema, que é em si mesmo uma reunião de diferentes definições acerca da poesia, apresenta as múltiplas variações conceituais e finaliza com a formulação do próprio poeta (“a liberdade da minha linguagem”), ao que se seguem as reticências denotando este *continuum* de possibilidades que a poesia agrega, o que também insere o espaço do leitor como continuador dos sentidos, como se instaurasse um jogo inacabável de busca de nomeá-la. Conceitos provisórios para uma questão permanente, a ideia era abrir um campo de reflexões no afã de ampliar a visão dos participantes em torno deste objeto tão erroneamente sacralizado da poesia.

Após a leitura, pedimos que cada participante elegeisse um conceito disposto no poema para si. Seja pela afinção com o conceito ou pelo estranhamento, bastava escolher uma dentre as várias. Cinco delas foram escolhidas e transcritas em filipetas para que todos pudessem explorá-las de forma mais aprofundada por meio de uma discussão, quais sejam:

“A liberdade da minha linguagem” (Paulo Leminski)
“A fala do infalável” (Goethe)
“Fundação do ser mediante a palavra” (Heidegger)
“Linguagem voltada para sua própria materialidade” (Jakobson)
“Permanente hesitação entre som e sentido” (Paul Valéry)

As discussões voltaram-se, portanto, em torno dessas cinco definições. As falas buscavam traduzir as muitas ideias contidas em cada uma: a construção do texto como espaço de uma escrita livre, apartada das censuras cotidianas no âmbito da linguagem; a tentativa de buscar as palavras capazes de dizer aquilo que apenas sentimos; a linguagem poética como mecanismo de compreender a si mesmo e como formulação da identidade; uma escrita que reúne recursos que recusam o pragmatismo da palavra; os mecanismos sonoros que dão ritmo e musicalidade ao texto. Tentativas de síntese das falas que buscavam compreender ou ampliar os termos da poesia.

Ítalo Moriconi afirma que a palavra poesia apresenta uma flutuação de sentidos e que toda linguagem traz em si um “quê” de poesia,

Mas a poesia é onde o “quê” da linguagem está mais em pauta. A poesia brinca com a linguagem. Chama atenção para as possibilidades de sentido. Explora significativamente as coincidências sonoras entre as palavras. Fabrica identidades por analogia, através das imagens ou metáforas. (Moriconi, 2002, p. 8)

Esse momento da oficina objetivava exatamente entrever essas nuances que se perfazem no percurso da poesia. As muitas definições apresentadas, bem como o gesto de eleger uma e posteriormente dividir com os demais participantes possibilitou-nos observar que a poesia se compõe na materialidade da linguagem, explorando diferentes recursos, mas que mantém profunda relação com a constituição da identidade do sujeito. Isto é, trata-se de um arranjo de palavras, orais ou escritas, que sintetizam formas singulares de conhecimento de si e da realidade em que nos inserimos.

Feito isso, passamos à segunda etapa.

2ª Etapa:

Findada a reflexão inicial, propusemos a leitura e a partilha dos seguintes poemas: “Poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade (2002); “Com licença poética”, de Adélia Prado (1991); “Até o fim”, de Chico Buarque (1989); e “Let’s play that”, de Torquato Neto (1982). A leitura dos poemas, todos marcados pela presença dos anjos prefiguradores do destino do eu lírico, demonstra a constituição de uma acumulação que remonta à Bíblia, quando da anunciação do Anjo Gabriel à Maria.

O anjo das sombras que predestina o eu lírico à *gaucherie*, o anjo esbelto, o querubim safado ou o anjo louco torquatiano, todos eles são motes para a representação de um eu que se vai delineando ao longo do poema. São signos da distorção, do embaraço que nos enreda na vida, são porta-vozes de uma busca identitária.

A partir da leitura e da partilha dos textos, convidamos cada participante a se apresentar ao grupo por meio de um poema autoral baseado na tradição

desses anjos anunciadores. A única exigência era que o verso inicial do poema fosse “Quando eu nasci veio um anjo...”, nos ligando de maneira mais clara ainda aos demais fios que, tecidos, vão enredando a tradição. A leitura dos poemas de Drummond, de Adélia Prado, de Chico Buarque e de Torquato Neto foi fundamental para que os participantes pudessem perceber que a poesia pode apresentar o verso livre e branco, pode apresentar estruturação métrica e esquema de rimas regular, pode explorar as mais diferentes imagens e recursos sonoros, pode ousar na representação ou pode estar mais contida etc., que a poesia é, como afirmou Leminski, a “liberdade da minha linguagem”.

Assim, cada um dos presentes produziu o poema com um anjo, um destino e uma expressão singular na tentativa de traduzir-se para um grupo bastante heterogêneo. De um poema-motivador outros dez poemas nasceram, e enriqueceram a experiência, materializando o processo de intertextualidade.

De acordo com Kristeva (1969), a palavra literária não é um ponto, com sentido fixo e imutável, mas antes um cruzamento de superfícies textuais. Sendo assim, pela lógica intertextual, a linguagem poética lê-se pelo menos como uma linguagem dupla, posto que nela se vê a um só tempo as diferentes vozes, de outrora e de agora, que dão curso ao manancial donde flui a literatura.

Também Samoyault (2008) afirma que toda palavra proferida traz em si as palavras de outros. Nesse diálogo, o que se vê é a historicidade da linguagem, as marcas que constituem essa complexa relação entre si e o outro, entre as vozes do presente e as vozes pretéritas, que dão forma ao texto, visto sempre como um processo de continuidade.

Assim, nesta etapa, os participantes foram convidados a materializar pela sua poesia a intertextualidade como trama que liga e que situa os diferentes discursos no tempo e no espaço da história.

3ª Etapa:

A terceira e última etapa correspondeu a uma segunda produção poética. O exercício proposto era um convite à buscar um olhar mais sensível diante da banalidade do cotidiano.

Se, como afirmou Ezra Pound, “o poeta é a antena da raça” (2006, p. 78), isto é, se ele capta com sensibilidade as experiências vividas por todos os homens e a transcreve carregando a linguagem de sentidos, o exercício era justamente alterar o olhar e entrever, por meio de diferentes imagens dispostas, algo diferente e singular, que significasse a maneira própria com que cada ser enxerga o mundo em que se constitui.

A proposta foi elaborando utilizando uma série de fotografias, as mais diversas, com cenas cotidianas – uma moça tocando flauta, um jovem olhando o horizonte verde de um prado sem fim, um mendigo dormindo em meio à praça, um letreiro já quase apagado, enfim uma série de imagens espalhadas pela sala. Por um momento, os participantes podiam olhá-las todas com calma, explorá-las. Em seguida, cada um escolhia uma imagem que seria motivadora de seu poema.

Alfredo Bosi, em *O ser e o tempo da poesia*, afirma que a experiência da imagem, anterior à palavra, cumpre o papel essencial de permitir a coexistência de tempos e, sentimentos e que a sua nitidez ou distorção devem-se menos à imagem em si e mais à força e à qualidade dos afetos que a fixaram no momento em que foram impressas na experiência do olhar. Segundo o crítico:

A imagem é um modo da presença que tende a suprir o contato direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós. O ato de ver apanha não só a aparência da coisa, mas alguma relação entre nós e essa aparência: primeiro e fatal intervalo. (Bosi, 2000, p. 19)

Sendo assim, para Bosi, a imagem que se torna “imagem para o poema” deixa de ser o objeto em si tal qual se fixou na retina e torna-se palavra articulada. Palavra esta que tem o poder de reviver o já ido e de ressignificar o vivido. Deste modo, as imagens vão promovendo uma espécie de correspondência em aquilo que se vê e aquilo que se sente.

Deu-se assim a segunda produção, em que as imagens que todos viram no início da atividade, ganharam outros significados ao serem transformados em poemas. A declamação dos poemas foi por isso mesmo um convite à modulação do olhar, à ressignificação das imagens do cotidiano, ao desentranhamento da

poesia que avulta do banal e o torna único, que questiona o ordinário e alça as experiências corriqueiras ao plano da sensibilidade.

Após este momento de partilha, os participantes foram convidados a fazerem uma breve avaliação da Oficina, apontando pontos positivos e negativos, críticas e sugestões, e encerramos a atividade no fim de uma tarde quente e seca em uma cidade periférica do Distrito Federal, prenhes de muitas outras ideias e propostas para alargar os horizontes desta Oficina de Poesia.

Considerações finais

A Oficina de Poesia representou, portanto, uma experiência significativa como alternativa para o trabalho com a literatura de maneira geral, e com a poesia especialmente. Por ter sido desenvolvida no âmbito da escola, mas sendo dirigida à comunidade em geral, também demonstrou que este exercício criador deve ultrapassar a sala de aula para alcançar diferentes públicos e, assim, tornar o contato com a poesia mais acessível.

A escolha da poesia também possibilitou reflexões de diferentes ordens, desde a apropriação da linguagem como jogo incessante de construção de sentidos até a busca pela visão da poética do cotidiano. Desentranhar o poema da própria vida faz com que os sujeitos, imersos nessa experiência, façam dela um instrumento para dizer o mundo e dizer-se no mundo. Torna-se dessa maneira uma forma de expressão da subjetividade e de apropriação da linguagem, ambas reveladoras da essência humana.

Deste modo, a Oficina de Poesia constitui-se como uma experiência metodológica que traz em si o desejo de desdobrar-se, modificar-se, ampliar-se no sentido de proporcionar ao máximo de pessoas uma vivência mais real e prazerosa da literatura, e, por conseguinte, contribuir com a construção de uma sociedade mais humanizada.

Referências bibliográficas

ANDRADE, C. D. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BUARQUE, Chico. *Letra e música*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.

KRISTEVA, Júlia. *Introdução à Seminálise*. São Paulo: Debates, 1969.

LEMINSKI, Paulo. *Toda Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MORICONI, Ítalo. *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

NETO, Torquato. *Os últimos dias de Paupéria*. 2.ed. São Paulo: Max Limonad, 1982.

PERISSÉ, Gabriel. *Estética & Educação*. São Paulo. Autêntica, 2009.

POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. São Paulo: Cultrix, 2006.

PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In.: EVANGELISTA, A. A. M. et al (Orgs.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.